

A UTILIZAÇÃO DO RPG COMO UMA BOA PRÁTICA EDUCATIVA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

João Pedro Lezan¹

Resumo

A Educação Física, como um componente curricular escolar, obrigatório, sofreu uma espécie de crise identitária, o que colaborou na volatilização da característica de práticas educativas. Sendo assim, o presente artigo retém como objetivo, demonstrar como se construiu esta indicação, e ao mesmo tempo, analisar algumas práticas infundadas pelo conteúdo específico de jogos: Role-Playing Game (RPG). Esta análise será sintetizada, sobretudo, através da estruturação demonstrativa de que as práticas referendadas pelo jogo de RPG, em si, se enquadrarão em identificações de boas práticas educativas. Dessa maneira, apresenta-se uma breve demonstração de alguns fenômenos e acontecimentos históricos, acerca da educação física escolar, que referenciarão tal volatilização descrita, será pontuada, também, a conceituação de RPG, e a formulação de boas práticas educativas, de acordo com constructos factuais e pela teoria de Experiência de Larrosa.

Palavras-chave: Educação Física; Role-Playing Game; boas práticas educativas; volatilização da característica.

¹ Aluno da graduação de Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Introdução

Nesta produção, para se iniciar a trajetória de raciocínio, será proposital reportar historicamente a trajetória da Educação Física escolar a fim de buscar sua linhagem, esta que, aqui, estará encarregada de suscitar a problemática indicada pela volatilização da característica de práticas educativas, isto é, promover entendimento acerca da crise identitária sofrida, e o que este acontecimento refletiu no cenário da Educação Física escolar atual.

Não é recente que a Educação Física escolar enfrenta empecilhos para desenvolver sua legitimidade como componente curricular. Vago (1997), Gariglio (1997 e 2001); Caparróz (1997, 2001), Souza Júnior (1999, 2001) e Oliveira (2001) apud González (2014), elaboraram críticas à forma como a Educação Física vem sendo tratada como componente curricular pela produção acadêmica brasileira nos anos de 80 e 90 e avançaram no sentido de compreender como se materializa a prática pedagógica da Educação Física nas escolas.

Tendo em vista as práticas pedagógicas da Educação Física, nas escolas, afundo desta concepção, é possível destacar o aparecimento da elaboração teórica das, ditas, boas práticas educativas, estas que seriam encarregadas, então, de manter a Educação Física – escolar –, com estratégias objetivadas em manter o funcionamento correto da área de conhecimento². Caso este comportamento seja cumprido, é notório que as chances de haverem incidências de volatilização da característica das práticas educativas diminuem exponencialmente.

Isto posto, Chaves, Santos e Taborda (2014), corroboram com tal afirmação, propondo que esta preocupação é fundamental e necessária, vistas suas possibilidades de contribuição para os debates acerca da prática pedagógica da Educação Física, e também para a reflexão sobre os percursos de formação de professores de Educação Física no Brasil.

Afinal, estes percursos precisam ser analisados, uma vez que Bracht (2017), indica que as práticas pedagógicas da Educação Física não são pautadas por tantas positivities. Destarte, o autor remete ao processo de desinvestimento

² Será posto à frente que, Soares et al (1992), classificou a área de conhecimento da Educação Física escolar: **cultura corporal**.

pedagógico para referenciar a problemática de se enxergar a desenvoltura do componente curricular de maneiras não tão positivas.

Logo, o âmago deste presente constructo, é trazido pela forma que práticas realizadas – em duas, diferentes, instâncias – poderão ser identificadas como integrantes deste cenário de boas práticas educativas, portanto, a contribuir com o seu acervo. Estamos falando de um jogo que não é competitivo. A diversão não está em vencer ou derrotar os outros jogadores, mas utilizar a inteligência e a imaginação para cooperação com demais participantes, buscar alternativas que permitam encontrar melhores respostas para as situações propostas pela aventura. É um exercício de diálogo, de decisão em grupo, de consenso. (MARCATTO, 1996)

A volatilização engendrada

Como posto anteriormente, a respeito da busca pela compreensão de como se materializa a prática pedagógica da Educação Física em escolas, por conseguinte, é possível identificar o conceito adotado que contempla com a proposta de prática pedagógica:

"[...] a Educação Física é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de **cultura corporal**³." (Soares et al, 1992)

Entretanto este movimento não aconteceu de maneira passiva, tampouco, simples, afinal a Educação Física escolar, segundo Soares et al(1992), era identificada a partir do viés científico dado a partir do referencial oriundo das ciências biológicas, aonde o médico, e mais especificamente o médico higienista, tem um papel destacado. Dessa forma, os exercícios físicos passaram a ser entendidos como "receita" e "remédio", a fim de construir um "novo homem: mais

³ Termo que futuramente seria refinado por Bracht (1999), e então, passaria a ser adotado por **cultura corporal de movimento**.

forte, mais ágil, mais empreendedor, dentro da sociedade capitalista que estava se consolidando nos fins do século XVIII e início do século XIX.”.

Tendo essas perspectivas em vista, González (2014) retrata que a cultura corporal de movimento deve ser entendida a partir do processo de ruptura com tal visão biologicista-mecanicista do corpo e do movimento situado de forma hegemônica na Educação Física até o início da crise epistemológica ocorrida no ano de 80. Assim sendo, o conceito veio representar a dimensão histórico-social ou cultural do corpo e do movimento.

Progredindo ao “chão escolar” da atualidade, pode se entender, então, que as argumentações utilizadas por Bracht (2017), para embasar as “nem tantas positivities” nas práticas pedagógicas da Educação Física, podem ser considerados como reflexos desta crise de identidade sofrida pela Educação Física, ou seja, o **desinvestimento pedagógico** trazido por instâncias escolares pode ser fruto deste resquício.

Afinal, no campo da Educação Física, o termo “práticas corporais” vem sendo valorizado pelos pesquisadores que estabelecem relação com as ciências humanas e sociais, pois aqueles que dialogam com as ciências biológicas e exatas operam com o conceito de atividade física, (LAZZAROTTI FILHO et al, 2010). Binarismo⁴ este, introduzido pelo movimento renovador, e capaz de fomentar a crise identitária, ao mesmo tempo em que há a volatilização das práticas pedagógicas, o que se deve à maior valorização da vertente biologicista do binário. Santos (2010) demonstra que em sua pesquisa feita nas aulas de Educação Física do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia (IFCE), os próprios alunos que se sentem desconfortáveis e desinteressados em participar de atividades que fogem do contexto biologista, assim tornando o momento da aula desprazeroso, cujo aluno está por obrigação⁵.

Nesse sentido, reconhece-se que o desempenho profissional vincula-se também (ou fundamentalmente) ao contexto específico de suas práticas

⁴ Educação Física pautada em **ciências humanas e sociais** e Educação Física pautada em **ciências biológicas e exatas**.

⁵ Mais adiante será demonstrado que as práticas pedagógicas só terão seus objetivos cristalizados nos discentes, caso os alunos estejam comportados de acordo com as perspectivas de **experiência**, descrito por Larrosa e Skliar (2011).

pedagógicas, (BRACHT, 2012). Posto isto, é possível concluir que a volatilização é produto decorrente de práticas que **não são capazes** de constituir produtos permeados pela cultura corporal de movimento, já que, ainda em Bracht (2012), os professores que conseguem introduzir suas propostas de práticas pedagógicas, nas concepções de boas práticas educativas, são classificados como professores inovadores, não obstante, talvez, isso deveria ser algo subentendido a se fazer de maneira espontânea – e não algo considerado como novo -, pelos professores que optem por trabalhar dentro da abordagem que utilizam-se de tal concepção, mas estes detalhes não serão desenvolvidos neste constructo.

Boas práticas: cumprindo com o que “trata o combinado”

Este capítulo será iniciado com a colocação, anterior, aonde Larrosa e Skliar (2011), indicam que:

“[...] a experiência supõe que o acontecimento **afeta a mim**, que produz efeitos em mim, no que eu sou, no que eu penso, no que eu sinto, no que eu sei, no que eu quero, etc. Poderíamos dizer que o sujeito da experiência se exterioriza em relação ao acontecimento, que se altera, que se aliena.”

Contudo, se trata de um sujeito que é capaz de deixar que algo lhe passe, quer dizer, que algo passe a suas palavras, a suas ideias, a seus sentimentos, a suas representações, etc. Trata-se, portanto, de um sujeito aberto, sensível, vulnerável ex/posto, (Larrosa e Skliar, 2011). É possível então, em suma, afirmar que a partir desta teorização, descrita pelos autores, as práticas educativas – detentoras de finalidades a serem ensinadas -, necessitam ser transpostas aos alunos, de maneira que estes consigam se comportar de maneira condizente com tal teoria, assim, as boas práticas educativas serão efetivas e, então, legitimadas.

São introduzidos, então, elementos constitutivos acerca do que deve ser feito por parte do professor. Então, Taborda de Oliveira, 2008, exprime: a exposição pelo professor ou pelo manual de um conteúdo determinado; exercícios; práticas de motivação e incitação ao estudo; e, provas de natureza avaliativa. Um fazer balizado

e estruturado, destes pilares, ao mesmo tempo, combinados, emprestam um sentido à ação.

Sendo assim, Chaves, Santos e Taborda (2014), que neste texto analisaram escolas públicas de Curitiba/PR, afirmam que, para que as boas práticas sejam estruturadas é necessário percorrer **dois pontos fundamentais**: a caracterização daquilo para o qual se pretendia olhar: as práticas educativas; depois a sua problematização no sentido de construir um arcabouço teórico que fosse capaz de balizar a complexa noção do que seriam boas práticas pedagógicas. Ainda caracterizam o funcionamento destas práticas:

“A prática de cada agente pode ser – e normalmente é – diferente, mas deveria ser inimaginável conceber que um professor não tem um repertório de práticas que permita o desempenho, ao menos satisfatório, da sua função social, seja ela instruir, educar ou formar. Ou seja, ela é justamente aquele amálgama que permite a diferenciação de um indivíduo em um conjunto de ações que visam à realização de finalidades comuns estabelecidas pela sociedade.”

Isto é, as práticas não são descritas através de formulas universais, mas sim através de um segmento metodológico, este, que deve ser abarcado - e corroborado – pela graduação do futuro professor de Educação Física. Tal-qualmente, diante das diferentes instâncias, assistidas, nas diversas escolas⁶ do Brasil, não seria possível haver nada perto de uma proposta nivelada, tendo em vista as diferentes condições encontradas para se desenvolver o ensino.

Para concluir o entendimento construído neste capítulo, é possível de uma maneira “simples” indicar a raiz estrutural da questão, e para tanto, ainda em Chaves, Santos e Taborda (2014):

“Da escola espera-se que forme, dos professores espera-se que atuem na direção de oferecer condições – ensinem – para que a formação seja possível. Logo, não fazer nada não pode ser considerado uma prática, pois isso, por si, contraria a função primeira do professor: agir no mundo. Negar-se a agir, apenas **rolando uma bola**, é negar a própria condição de possibilidade de um processo educativo significante.”

⁶ Não será abordado o contexto escolar, aqui, à mérito de ser instituição pública ou privada.

Consequente, dessa forma, ao ser destacada a atitude de se, apenas, “rolar uma bola”, todo o constructo teórico – demonstrado anteriormente -, para contemplar⁷ com a área de estudo da Educação Física, seria volatilizado, e a proposta – também trazida -, das práticas pedagógicas construídas para referenciar o segmento disposto pelas Ciências Humanas e Sociais, seriam cada vez mais desvalorizadas e abandonadas. Para tanto, os relatos das práticas que conseguem se comportar fortes, perante este binário, devem cada vez mais, serem trazidas a tona, por mídias e canais de transmissões que julguem tal proposta da Educação Física escolar como necessárias e, assim, não menos importante.

Introduzindo o RPG à conceituação

RPG é a sigla para Role-Playing Game que pode ser traduzido como “jogo de interpretação de papéis”. Diferente da dramatização comum em que trama, personagens e ações já estão pré-definidos, o RPG é uma história narrada por um jogador específico e seu desenvolvimento se dá através das ações dos personagens criados pelos outros jogadores, o jogo é, assim, uma criação coletiva. (BOTREL; DEL DEBBIO, 1999)

Ao mesmo tempo em que, mantém o cultivo de valores na escola, associado à contextualização dos componentes curriculares, às experiências, rotinas e vivências escolares, convergem para uma ampla proposta formativa no âmbito da educação básica. Dentre os diversos recursos possíveis para a vivência de valores na escola, o uso do *role playing game* (RPG) é posto como instrumento de grande potencial para a consecução de tal finalidade. (XIMENES, BRANDÃO e AMARAL, 2014)

Pesquisas comprovam que o RPG, também, favorece a prática da cooperação, respeito mútuo, ética, socialização, companheirismo, etc., entre aqueles que o vivenciam, seja numa sessão de jogo casual entre amigos ou na sua aplicação dentro de sala de aula (AMARAL, 2008; RIYIS, 2004; MARCATTO, 1996

⁷ A explicar a intitulação do capítulo “cumprindo com o que trata o combinado”, seria possível demonstrar então, que a Educação Física escolar que se compromete a trabalhar com as perspectivas da cultura corporal de movimento, deveria organizar os profissionais a cumprirem com o que trata a área de estudo de maneira **espontânea** e, talvez, não, como **inovadores**.

apud XIMENES et al, 2014). Isso acontece pelo fato desses valores fazerem parte das regras do próprio RPG, no qual seus participantes trabalham em constante cooperação em prol da conquista de objetivos buscados no desenrolar do jogo.

Dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), em específico no subprojeto 0: A perspectiva da cultura corporal em distintos contextos da formação docente a Educação Física, do departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR), foram estruturadas duas vertentes das propostas trazidas pelo RPG, o “Roubo no museu” e “Roubo ao banco”.

Ademais, a proposta “RPG – A luta de classes: determinismo socioeconômico”, realizada adjunta às oficinas oferecidas pela Jornada Acadêmica de Educação Física 2017 – Panoramas: um olhar sobre os Rumos da Educação Física, ofertada pelo setor de Educação Física do setor de Ciências Biológicas, também, da Universidade Federal do Paraná.

Em suma, tendo tudo isso em vista, tais práticas citadas, são capazes de serem consideradas propostas que promoverão o refinamento da importância carregada ao trabalhar-se neste âmbito – descrito ao longo do trabalho – da Educação Física escolar, pela virtude de serem identificadas como boas práticas educativas. Dado que, ao serem analisadas, remetem-se ao referencial teórico capaz de fornecer o “amalgama que permite a diferenciação de um indivíduo em um conjunto de ações que visam à realização de finalidades comuns estabelecidas pela sociedade”, de forma que, essas práticas de RPG trabalharam suas narrativas e sistemáticas, permeadas por instrumentos que estão presentes dentro dos eixos⁸ da cultura corporal de movimento.

⁸ Jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal.”.

Referências

- BOTREL, N.; DEL DEBBIO, M. *Trevas*. 3.ed. São Paulo: Daemon, 1999. 221p.
- _____. **Supers Super-Heróis para Role Playing Game**. São Paulo: Daemon, 2003. 112p.
- BRACHT, V.; SÉRGIO DA SILVA, M. **Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar**. *Kinesis*, v.30, n.1, Jan./Jun. 2012
- _____.; **“Educação Física escolar: panorama atual e desafios.”** In: 2ª JORNADA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E LAZER, 2017. Matinhos/PR: Câmara do curso de Licenciatura em Educação Física - UFPR Litoral. 2017. 70 p
- _____.; **Cultura Corporal, Cultura de Movimento ou Cultura Corporal de Movimento?** In: SOUZA JÚNIOR, M. **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005. p. 97-106.
- CHAVES, S. et al; **Problematizando as aulas de Educação Física: seriam o acesso à cultura e a humanização das relações sociais elementos constitutivos de boas práticas educativas?**. *Unisul, Tubarão*, v.8, n.14, p.365-384, Jul/Dez 2014.
- LARROSA, J.; SKLIAR, C.; **Experiência e alteridade em educação**. In:_____. **Experiencia y alteridade en educación**, Argentina, Homo sapiens Ediciones, 2009. Transcrito: BARBOSA, M.; FERNANDES, S.; In: Revista **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.
- LAZZAROTTI FILHO, Ari; SILVA, Ana Márcia; ANTUNES, Priscila de Cesaro; SILVA, Ana Paula Salles da; LEITE, Jaciane Oliveira. **O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. Movimento**, Porto Alegre, v.16, n.1, p.11-29, 2010.
- PICH, Santiago. **Cultura corporal de movimento**. In:GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (orgs.). **Dicionário crítico de educação física**. 2. ed. rev. Ijuí : Ed. Unijuí, 2008.
- SANTOS, J.; **Construção Metodológica da Educação Física Escolar: uma proposta conjunta professor-aluno**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2010.
- SOARES et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. et al. **“Em busca de boas práticas educativas nas aulas de educação física: é possível pensar a escola como lugar de cultura?”**. In: XVII CONBRACE - IV CONICE 2011, Ciência & Compromisso social: implicações na/da Educação Física e Ciências do esporte. Ciências do Esporte Porto Alegre, 2011.

XIMENES, M., AMARAL, L., BRANDÃO, R., **“Clube do RPG – O lúdico na formação de valores”**, In: I COLÓQUIO LUSO-AFRO-BRASILEIRO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 2014. Braga/PT: Universidade do Minho. 2014.